

**ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM E ADAPTAÇÕES
METODOLÓGICAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ALUNOS COM TEA**

TEACHING-LEARNING STRATEGIES AND METHODOLOGICAL ADAPTATIONS USED BY
TEACHERS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES FOR STUDENTS WITH ASD

ESTRATEGIAS DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE Y ADAPTACIONES METODOLÓGICAS
UTILIZADAS POR PROFESORES EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA PARA ESTUDIANTES
CON TEA

Amanda Santana de Souza ¹
Suzana Alves Nogueira ²

Manuscrito recebido em: 01 de maio de 2021.

Aprovado em: 15 de junho de 2021.

Publicado em: 15 de junho de 2021.

Resumo

Este estudo trata-se de uma investigação científica a fim de perceber quais são as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas nas aulas de Educação Física com alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). O estudo teve como objetivo descrever e analisar as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas pelos professores nas aulas de Educação Física para alunos com TEA que frequentam o Núcleo Especializado de Pessoa com Espectro do Autismo (NEPEA) da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Feira de Santana-BA; e identificar as adaptações realizadas nas aulas de Educação Física para favorecer o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com TEA. Foi realizada uma pesquisa de campo, de caráter descritivo e de abordagem qualitativa, na qual os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada e analisados a partir do protocolo de análise de conteúdo. A pesquisa foi realizada na APAE de Feira de Santana, mais especificamente no NEPEA. Os participantes da pesquisa foram 6 professores de Educação Física. Os resultados da pesquisa evidenciaram que os professores, apesar de não terem suporte suficiente em sua formação inicial para trabalhar com alunos com TEA, buscaram alternativas e capacitações que auxiliaram no início deste processo. Atualmente, os docentes utilizam estratégias favoráveis nas aulas de Educação Física para turmas de alunos com TEA e sempre que necessário realizam adaptações. Apesar das dificuldades, eles enfatizam a significância e relevância da Educação Física para o desenvolvimento dos alunos com TEA.

¹ Mestranda em Educação na Universidade Federal da Bahia. Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Integrante do Núcleo Inter/Transdisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão de Educação em Saúde.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4745-1058>

Contato: amanda.santanaa@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora na Universidade Estadual de Feira de Santana. Integrante do Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1224-6484>

Contato: sansouza@uefs.br

Palavras-chaves: Estratégias de Aprendizagem; Educação Física; Autismo.

Abstract

This study is a scientific investigation in order to understand what are the teaching-learning strategies used in Physical Education classes with students with Autism Spectrum Disorder (ASD). The study aimed to describe and analyze the teaching-learning strategies used by teachers in Physical Education classes for students with ASD who attend the Specialized Center for Persons with Autism Spectrum (NEPEA) of the Association of Parents and Friends of the Exceptional (APAE) from Feira de Santana-BA; and identification of adaptations made in Physical Education classes to favor the teaching-learning process of students with the TEA. A field research was carried out, with a descriptive character and a qualitative approach, in which data were collected through a semi-structured interview and output from the content analysis protocol. The survey was conducted at APAE Feira de Santana, more specifically at NEPEA. Research participants were 6 Physical Education teachers. The research results showed that teachers, despite not having enough support in their initial training to work with students with ASD, seek alternatives and training that helped in the beginning of this process. Currently, teachers use favorable standards in Physical Education classes for groups of students with ASD and whenever necessary, make adaptations. Despite the difficulties, they emphasize the significance and relevance of Physical Education for the development of students with ASD.

Key Words: Learning Strategies; Physical Education; Autism.

Resumen

Este estudio es una investigación científica con el fin de comprender cuáles son las estrategias de enseñanza-aprendizaje que se utilizan en las clases de Educación Física con estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA). El estudio tuvo como objetivo describir y analizar las estrategias de enseñanza-aprendizaje que utilizan los docentes en las clases de Educación Física para estudiantes con TEA que asisten al Centro Especializado para Personas con Espectro Autista (NEPEA) de la Asociación de Padres y Amigos de los Excepcionales (APAE), de Feira de Santana-BA; e identificación de adaptaciones realizadas en las clases de Educación Física para favorecer el proceso de enseñanza-aprendizaje de los estudiantes con la TEA. Se realizó una investigación de campo, de carácter descriptivo y enfoque cualitativo, en la que se recogieron datos mediante entrevista semiestructurada y salida del protocolo de análisis de contenido. La encuesta se realizó en APAE Feira de Santana, más concretamente en NEPEA. Los participantes de la investigación fueron 6 profesores de Educación Física. Los resultados de la investigación mostraron que los docentes, a pesar de no contar con el apoyo suficiente en su formación inicial para trabajar con estudiantes con TEA, buscan alternativas y capacitaciones que les ayudaron en el inicio de este proceso. Actualmente, los maestros utilizan estándares favorables en las clases de Educación Física para grupos de estudiantes con TEA y cuando es necesario, hacen adaptaciones. A pesar de las dificultades, enfatizan la trascendencia y relevancia de la Educación Física para el desarrollo de los estudiantes con TEA.

Palabras clave: Estrategias de aprendizaje; Educación Física; Autismo.

Introdução

O processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência é um processo com algumas peculiaridades, pois o ensino para o público em geral quase sempre exige uma atenção maior e um olhar mais sensível do professor para poder compreender as especificidades de cada aluno. Na educação especial não ocorre de maneira diferente, o nível de atenção do professor e a dedicação para o trato do trabalho pedagógico também demanda uma grande atenção e uma sensibilidade com o trabalho com a turma, considerando que cada aluno tem um modo diferente de aprender e o professor, enquanto docente e ministrante do momento pedagógico de aprendizagem, deve possibilitar estratégias e formas facilitadoras que contribuam para que o conteúdo ensinado consiga ser compreendido por seus alunos.

Na Educação Física, no momento teórico-prático, o trabalho do professor exige uma grande atenção e cuidado, assim como nas aulas de ensino regular com alunos sem deficiência, o momento de encontro pedagógico na Educação Especial também precisa de dedicação e olhar sensível.

Para atender as especificidades de todas as pessoas, independentemente de sua deficiência, do seu modo de ser, a Educação Física vem se ressignificando em outra concepção mais vinculada a formação humana, aspectos cognitivos, afetivos, ressaltando que não apenas os aspectos físicos e motores tem ganhado espaço e isso é muito relevante, inclusive para quem trabalha com a pessoa com deficiência.

Ao tratar-se de um ambiente de ensino educacional especializado, especificamente para pessoas com TEA, a ênfase muda temporariamente nos primeiros momentos da atividade, pois é importante no processo de ensino-aprendizagem o professor ao explicar as informações da aula priorizar o cuidado de não trazer um coquetel de informações em excesso ou muito abstratas que exijam que os alunos fiquem imaginando demais e fujam a atenção do foco da aula.

É importante utilizar nesse processo de ensino-aprendizagem, estratégias que faça com que o aluno tenha esse contato, com objetos e demais materiais relacionados ao conteúdo da aula, por que desta forma conseguem ter uma apreensão maior do

conhecimento por ser algo explicado com materiais concretos e não apenas uma sequência de informações soltas na abstração, o que também auxilia a concentração no objeto central da aula, ao invés dos periféricos.

É importante mencionar que os alunos com deficiência, particularmente os alunos com TEA apresentam formas diferentes de executar muitas atividades, ou seja, possa ser que o professor não veja um resultado tão significativo na utilização das mesmas práticas pedagógicas que utiliza nas aulas do ensino regular e desenvolva novas estratégias em seus momentos de aula na educação especial ou o professor pode aplicar as mesmas práticas pedagógicas de modo que construa algumas variações e insira adaptações que resultem em grandes diferenças para o aprendizado dos alunos.

Pensando nesta perspectiva, surgiu a inquietação para realização da pesquisa, que tem como pergunta norteadora: Quais são as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas pelos professores nas aulas de Educação Física para alunos com Transtorno do Espectro Autista do NEPEA-APAE de Feira de Santana-BA?

O estudo apresenta uma grande relevância pelo fato de ser um conteúdo presente na realidade das escolas, onde cada vez mais surgem alunos com autismo e deficiências nas escolas e muitas vezes os professores não estão preparados para planejar e trabalhar com um aluno numa turma grande, dessa forma considera-se que a pesquisa auxiliará ampliar a visualização de novos métodos de trabalhar a Educação Física para esse público, com os conteúdos planejados e sem nenhum tipo de exclusão.

O estudo tem como objetivo descrever e analisar as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas pelos professores nas aulas de Educação Física para alunos com TEA que frequentam o NEPEA-APAE de Feira de Santana-BA e identificar as adaptações realizadas nas aulas de Educação Física para favorecer o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com TEA.

Fundamentação teórica

De acordo com Sasaki (2003), nos movimentos de pessoas com deficiências do mundo inteiro, que se inclui também o Brasil, tem debatido o nome que estas pessoas preferem que os chamem. Atualmente, a questão está fechada em serem chamadas de “pessoas com deficiência” em todo e qualquer idioma. O termo faz parte do texto da Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 2004 e a ser promulgada logo após através de lei nacional de todos os Países Membros.

Segundo Diniz (2007), uma pessoa com deficiência representa a experimentação de um corpo fora da forma, de modo que não há como classificar um corpo com deficiência como um corpo anormal, pois um corpo com deficiência apenas é delineado quando se compara a um corpo sem deficiência. Na verdade, a anormalidade nestes casos não existe, não faz sentido considerar um corpo “anormal”, um corpo com deficiência nada mais é, do que uma dentre as várias possibilidades da existência humana.

Percebe-se que a autora reafirma o tempo inteiro que a deficiência em suas particularidades representa apenas uma forma de estar no mundo, não se caracterizando como um fator limitador.

De acordo com Souza e De Assis (2015) para os professores, os obstáculos estão no comportamento de maneira diferente do aluno que traz um desconforto e atrapalha todo o momento da aula em si e o comportamento de toda a turma. Desta maneira torna-se claro a percepção de uma culpabilização indevida dos professores, o que não pode ocorrer, como se a culpa do TEA fosse do próprio indivíduo, sendo que esse é um problema que envolve toda a sociedade, até porque se todos somos diferentes, o dever primordial da sociedade é de viver de modo que todas as diferenças sejam acolhidas, sendo isto um problema social e não do próprio indivíduo.

De acordo com Vigotski (2011), surge então o motivo da história de desenvolvimento cultural da criança no qual afirma que o desenvolvimento cultural torna-se a principal esfera em que dentro dos seus padrões é considerada possível de compensar a deficiência. Assim, onde o desenvolvimento em termos orgânicos não seja possível de ser

efetivado, desencadeia-se um caminho novo em que não há limites para o desenvolvimento cultural.

Assim, Sasaki (1997), afirma que, a inclusão torna-se um processo que resulta na construção de uma sociedade nova, através de transformações que proporciona ao ambiente físico e psicológico das pessoas envolvidas. O meio social ainda precisa passar por alterações para que haja um entendimento e ampliar a gama de conhecimentos da sociedade acerca das pessoas com deficiência, nota-se que ainda há um grande preconceito com os ditos “sujeitos diferentes”, assim a inclusão vem para derrubar qualquer paradigma que ainda exista acerca disso. A inclusão defende a aceitação das diferenças de todos e a valorização do indivíduo.

A partir das definições da *American Psychological Association* – APA, (2014) que diz que o Autismo ou Transtorno do Espectro Autista, como também é conhecido, pode ser definido como um distúrbio neurológico, ainda mais especificamente ocorrido no sistema nervoso central, que gera déficits persistentes na comunicação e nas interações pessoais, e/ou padrões restritivos e repetitivos de rotina.

Segundo Klin (2006), o autismo também conhecido como Transtorno Autístico ou Autismo Infantil é o Transtorno Invasivo de Desenvolvimento (TID) mais conhecido. Deste modo, existe prejuízo marcado na interação social, comunicação e padrões considerados limitados ou estereotipados de interesses e comportamentos. As características específicas de comportamento que diagnosticam a criança com autismo devem começar a serem notadas a partir dos três anos de idade.

De acordo com Da Silva, Nunes e Sobral (2019) o trabalho pedagógico dado com o público de jovens e crianças com autismo, trata-se de requerer uma enorme responsabilidade de todos, não somente dos docentes e gestores como também da família, onde juntos todos trabalharão no desenvolvimento do papel de grande relevância na vida da criança com autismo, a fim da melhoria do seu desenvolvimento.

Para Silva e Nascimento (2019) o processo de inclusão e integralização das crianças com Transtorno Do Espectro Autista nas aulas de Educação Física surge como um desafio para toda a comunidade escolar, percebendo que o aluno com TEA tem uma forma

diferenciada de perceber e experimentar o mundo social e o seu processo maturacional ocorre de maneira gradativa e contínua.

Para Tomé (2007), não existe um tratamento específico para o autismo, o que há é uma espécie de treinamento para que o indivíduo com TEA tenha um desenvolvimento de uma vida tão independente quanto possível, dessa forma, a técnica mais utilizada desde então é a comportamental, assim como outros programas que buscam levar orientação aos pais.

Contudo, extinguir a barreira de isolamento do indivíduo com autismo do mundo dito “normal” não é considerado uma tarefa impossível. Ainda que apesar de estarem presentes suas dificuldades, o indivíduo com autismo, a depender do seu grau de comprometimento, pode aprender a conviver e se comportar de acordo com os padrões ditos “normais”, além de exercitar sua cidadania e obter conhecimentos de modo que consiga participar de maneira satisfatória junto com a sociedade (BRASIL, 2008).

Klin e Mercadante (2006) afirmam que é relevante que a sociedade esteja ciente de que independe dos indivíduos com TEA preencherem ou não os critérios de síndromes mais definidas, os mesmos devem ter acesso e apoio de serviços individualizados, abrangentes e intensivos.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) o Atendimento Educacional Especializado (AEE) apresenta como função reconhecer, elaborar e estruturar os recursos pedagógicos e de acessibilidade que extinguem os obstáculos para a participação plena dos estudantes, levando em consideração as suas necessidades específicas. As atividades que são desenvolvidas no AEE são diferentes das realizadas em sala de aula de ensino regular, não sendo opções de substituição à escolarização. O atendimento agrega e/ou integraliza a formação dos alunos com deficiência visando à autonomia e independência dentro e fora da escola.

De acordo com Beyer (2005) a tarefa de educar entra em confronto com a diversidade apresentada nos dias atuais, o professor que está no chão da escola e em contato direto com seus alunos conhece perfeitamente a diversidade e diferenças existentes, assim percebe que não há homogeneidade entre seus alunos, todos são diferentes, nenhum é idêntico ao outro, assim como não existe um ser humano igual ao

outro, nenhum aluno tem comportamento, perfil e características extremamente iguais ou parecidas.

Importante destacar o que Carvalho (2003, p.103) afirma sobre as pessoas com deficiência, que “vivem suas diferenças muito menos pelas limitações que sofrem em decorrência de suas deficiências, e muito mais pelas representações sociais a respeito de suas limitações”. Assim nota-se o peso que o preconceito representa na vida dessas pessoas, causando-as sensações negativas, como a sensação de incapacidade.

A Educação Física, como disciplina escolar, diante da inclusão de pessoas com deficiência, se encontra em vantagem em relação as outras disciplinas, uma vez que a Educação Física Adaptada busca compreender as deficiências a fim de desenvolver uma maneira de adaptá-las, o que acarretou o desenvolvimento, assim, visualizando as possibilidades do trabalho com os conteúdos da Educação Física planejados para a aula de modo inclusivo e adaptado (SILVA; SOUSA; VIDAL, 2008).

De acordo com Souza e Nogueira (2018) a presença do aluno com deficiência no âmbito escolar, especificamente no momento das aulas de Educação Física, participando das aulas teórico práticas, aprendendo seu conteúdo, trabalhando em cooperação com os seus colegas, em conjunto, resulta em uma grande satisfação por parte do aluno em estar mais incluído ao ambiente da aula.

Metodologia

A pesquisa trata-se de um estudo de campo que segundo Gil (2002 p.53), “focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana”. No estudo de campo o pesquisador age a maior parte da pesquisa pessoalmente, visto que é enfatizada a relevância do mesmo ter tido uma experiência própria e direta com a situação de estudo.

O estudo apresenta uma abordagem qualitativa, a qual se diferencia das demais por atuar com um universo de significados e um aprofundamento das relações, dos fenômenos e processos. Trata-se em sua essência da prática do exercício da compreensão, pois,

compreender é basicamente exercer a capacidade de se colocar no lugar do outro, visto que, como seres humanos temos a capacidade de entender o outro (MINAYO, 2012).

A pesquisa classifica-se de caráter descritivo que segundo Gil (2008 p.28) tem como objetivo primordial “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

O estudo foi realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Feira de Santana – (APAE). A associação é uma organização social e conta com uma estrutura organizacional composta por pais e pessoas da comunidade, em condição de associados e voluntários, também cuidam da manutenção da mesma.

Os participantes do estudo foram professores de Educação Física e estagiários da área que trabalhem com o público alvo da pesquisa, que são alunos com TEA. Os critérios de inclusão foram: professores de Educação Física formados e atuantes no NEPEA-APAE. Como critério de exclusão, eliminou-se a entrevista a coordenadores, gestores e outros professores de outras áreas de ensino, também professores de Educação Física que não atuem com TEA.

Os participantes da pesquisa foram cinco professores com formação em Educação Física e um estagiário de Educação Física, atuantes no atendimento educacional especializado na escola da APAE de Feira de Santana e no Núcleo Especializado para Pessoas com Espectro do Autismo - NEPEA.

Para que o sigilo dos professores fosse mantido foram nomeados com nomes de flores e a ordem na organização da tabela tem associação com a ordem que os professores participaram da entrevista, conforme pode observado no quadro abaixo:

Quadro 01 – Caracterização dos participantes do estudo

Identificação	Formação	Tempo de atuação na docência	Tempo de atuação com público do TEA
Flor de Lis	Bacharelado	10 anos	13 anos
Rosa	Licenciatura e Bacharelado	3 anos	3 anos
Lírio	Bacharelado	2 anos	4 anos
Lótus	Licenciatura e Bacharelado	4 anos	4 anos
Crisântemo	Licenciatura e Bacharelado	5 anos	5 anos
Cravo	Bacharelado	1 ano	1 ano

Fonte: Souza (2019).

Ao todo foram seis participantes, quatro do sexo masculino e dois do sexo feminino, três dos participantes são formados em Licenciatura Plena em Educação Física, dois em Bacharelado e o estagiário cursa bacharelado.

É importante ressaltar que ao longo dos estudos os participantes foram generalizados em suas denominações por professores, haja vista ser maioria, afinal só houve a participação de um estagiário.

Optou-se como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, que tem como características questionamentos básicos que se apoiam em teorias e algumas hipóteses que são relacionadas ao tema da pesquisa, os questionamentos partem de incentivar o surgimento de novas hipóteses de acordo com as respostas dos sujeitos participantes responsáveis pelo fornecimento das informações (TRIVIÑOS, 1987).

Na análise de conteúdo das entrevistas optou-se pela Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (1977) que é um conjunto de técnicas de análise de comunicação que se proponha a atingir através dos procedimentos sistemáticos e aspectos descritivos do conteúdo das mensagens, evidências que possibilitem a inferência de conhecimentos às condições de recepção das mensagens.

Objetivou-se a realização da categoria da análise de conteúdo que se consta de uma operação para classificar os elementos constitutivos de um conjunto, por diferenças e seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (BARDIN, 1977).

Inicialmente, foi realizada a pré-análise, na qual foi selecionado o *corpus* a ser analisado; depois, procederam-se as leituras flutuantes de todo o material, com o intuito de apreender e organizar de forma não estruturada os aspectos importantes. Em seguida, houve a exploração, em que foi feito o desmembramento do conteúdo das falas em unidades para posterior categorização. Foi realizada a categorização em categorias temáticas e após o processo de categorização, realizaram-se a interpretação dos dados e a inferência.

A análise dos dados obtidos neste estudo evidencia, a partir do conteúdo das respostas dos professores da APAE a presença de elementos que foram agrupados em 2 (duas) categorias de análise, a saber: a) As estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas pelos professores nas aulas de Educação Física para alunos com TEA; e b) As adaptações realizadas nas aulas de Educação Física para favorecer o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com TEA. Essas categorias serão analisadas a seguir.

As estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas pelos professores nas aulas de educação física para alunos com TEA

A discussão dessa primeira categoria temática está atrelada às estratégias de ensino-aprendizagem que os professores do atendimento especializado do NEPEA-APAE utilizam em suas aulas e atendimentos com os alunos com autismo.

Faz-se necessário discutir o formato de organização das aulas de Educação Física para alunos com TEA, uma vez que se compreende que tais concepções são relevantes para avaliar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos nas aulas. Percebe-se assim que o processo de inclusão dos alunos com TEA surge como um fator desafiador para a escola e todos integrantes da mesma, pelas especificidades comportamentais do aluno e a forma diferente que o aluno apresenta de ser e estar no mundo social, pois seu processo maturacional acontece de maneira gradativa (SILVA; NASCIMENTO, 2019).

Com relação a este aspecto, ao serem questionados sobre como são organizadas as aulas de Educação Física para alunos com TEA, destacaram-se alguns elementos do conteúdo das falas dos professores nas quais são enfatizadas a forma como sistematizam as aulas, como pode ser visto a seguir:

de acordo com o perfil e funcionalidade necessária de cada usuário utilizando o código da CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade. (Flor de Lis)

Existe um planejamento das aulas de acordo com a CIF, geralmente nas sextas-feiras são planejadas todas as atividades da semana subsequente. (Cravo)

A forma de organização pode-se falar de acordo com o núcleo né... a gente trabalha de acordo com a CIF, que tem por exemplo a menina aqui tem problema, dificuldade com salto, saltar [...] aí coloca B315 por exemplo, aí eu vou tá formando brincadeira que trabalhe o salto. (Lírio)

Foi possível perceber a partir das respostas dos entrevistados, a semelhança com relação ao formato de organização do trabalho pedagógico para as aulas de Educação Física. Os entrevistados Flor de Lis, Cravo e Lírio apresentaram respostas relacionadas ao planejamento baseado na Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF), que traz como objetivo “proporcionar uma linguagem unificada e padronizada assim como uma estrutura de trabalho para a descrição da saúde e de estados relacionados com a saúde” (LISBOA, 2004).

A CIF é considerada uma classificação com muitas finalidades elaboradas para servir a vários setores diferentes e seus objetivos específicos podem ser resumidos da seguinte forma:

- proporcionar uma base científica para a compreensão e o estudo dos determinantes da saúde, dos resultados e das condições relacionadas com a saúde;
- estabelecer uma linguagem comum para a descrição da saúde e dos estados relacionados com a saúde, para melhorar a comunicação entre diferentes utilizadores, tais como, profissionais de saúde, investigadores, políticos e decisores e o público, incluindo pessoas com incapacidades;
- permitir a comparação de dados entre países, entre disciplinas relacionadas com os cuidados de saúde, entre serviços, e em diferentes momentos ao longo do tempo;
- proporcionar um esquema de codificação para sistemas de informação de saúde (LISBOA, 2004, p.9).

Mediante as respostas obtidas pode-se compreender que as aulas são planejadas semanalmente pelos professores e estagiário com base na CIF, onde Cravo traz

especificamente o dia da semana que costuma ocorrer este planejamento, no entanto também se percebe que de acordo com a CIF, as dificuldades a serem compreendidas e trabalhadas a partir das aulas são identificadas por códigos, o que aparece na fala do entrevistado Lírio.

Embora seja relevante ter o conhecimento e levar em consideração a CIF, é necessário organizar o trabalho pedagógico também a partir das perspectivas de aprendizagem de cada aluno, não limitando apenas as possibilidades de ensino ao que a classificação sugere que seja realizada, mas para além destes aspectos ultrapassar os limites da criatividade e ousar explorar esse campo de aprendizagem dos alunos com TEA.

Também se nota que há uma concepção limitada com relação ao processo organizacional do trabalho pedagógico com os alunos com TEA, pelo fato da CIF ser o único elemento norteador da organização das aulas citado pelos professores. Reconhecemos que esse conhecimento é essencial, entretanto para além de conhecer as especificidades dos alunos com TEA, é fundamental conhecer e relacionar as características dos alunos com a forma a qual organizamos a prática pedagógica. A dimensão da totalidade do sujeito/aluno não pode ser negligenciada ao planejar os encontros pedagógicos.

Os olhares sensíveis à formação pessoal do indivíduo, a forma como as possibilidades de ensino pode ser explorada ficaram descuidadas nas falas dos entrevistados, visto que os mesmos enfatizaram bastante o seguimento da CIF para a elaboração dos planejamentos de aulas com os alunos com TEA. O exercício do trabalho com turmas de alunos com TEA devem ser vistos a partir de possibilidades, evidenciando as potencialidades que cada aluno tem de modo individual e percebendo que muitos podem apresentar avanços para além do que estão previstos para sua classificação do nível do TEA na CIF.

Outra concepção que diverge das respostas citadas anteriormente, mas que surge em duas respostas também sobre a questão da organização do trabalho pedagógico são destacados abaixo:

buscando primeiro conhecer as limitações e individualidades do aluno, explorando ao máximo o aprendizado do aluno. (Rosa)

Dependendo muito do grau de comprometimento é... da psicomotricidade, de comprometimento mental na verdade, do grau de autismo, moderado, leve ou severo (...) quando eu faço atendimento individualizado, nessa questão do autista, primeiro passo é saber do que é que ele gosta, porque tudo tem que ser no tempo dele (...) a gente tem que trabalhar muito com o tempo, com o *time* da criança, mas o autismo tem mais um... tem que ter uma sensibilidade maior porque é... existe pouquíssimas coisas que pode desorganizar, pode desorganizar e você perder todo o seu dia, então eu trabalho da seguinte forma, primeiro eu identifico o que é que ele gosta, depois eu identifico se ele obedece comandos, aí dependendo do que ele gosta e se ele obedece comando aí sim eu vou traçar um viés de trabalho, porque aí eu vou unir ao que eu quero para o que ele gosta (...). (Lótus)

A partir destes trechos percebe-se que são relações de planejamento pensados a partir do conhecimento das limitações e graus de comprometimentos dos alunos, assim como sua individualidade e gostos. É válido ressaltar que as aulas de Educação Física não devem ser realizadas apenas pelo gosto pessoal dos alunos, pois existem objetivos de aprendizagem a serem alcançados, porém no caso dos alunos com TEA unir a preferência dos alunos com os objetivos da aula torna-se mais fácil a aquisição de conhecimentos para o mesmo.

É importante destacar estes aspectos estão explícitos nas respostas dos entrevistados, pois a individualidade do aluno é um dos princípios primordiais no trabalho pedagógico para/com alunos com TEA, as limitações, assim como as potencialidades dos alunos devem ser sempre analisadas pelo docente, visto que o TEA não pode ser generalizado pelas características presentes em um ou outro aluno.

O TEA se manifesta de diferentes formas em cada um, ou seja, alguns alunos apresentam limitações que não são comuns na maioria dos alunos com TEA, assim como potencialidades que são específicas e individuais, desta forma neste trabalho deve ser priorizada a individualidade, o olhar sensível de perceber as necessidades que o mesmo tem com relação à determinada atividade ou a potencialidade que apresenta sobre alguma tarefa e esta deve ser bem trabalhada e explorada nas aulas.

Para Almeida e Pacheco (2005) é importante ressaltar que a inclusão não significa apenas realizar uma recepção ao aluno em sala de aula, é necessário que os professores se dediquem em desenvolver uma capacitação, uma busca mais aprofundada de

conhecimentos básicos do perfil do aluno, a fim de descobrir mais informações de seu histórico, suas limitações, potencialidades e características, pois o professor deve apresentar conhecimento sobre o tipo de deficiência do aluno para que seja realizado um bom trabalho pedagógico.

Os docentes apesar de normalmente encontrarem dificuldades nos aspectos de aprendizagem, interações sociais e ações comportamentais dos alunos com TEA, enquanto profissionais, conseguem permanecer dispostos e assim acreditam que o desenvolvimento e evolução dos casos de alunos com TEA no ensino regular podem gerar progressos no desenvolvimento destes alunos, mesmo que estes progressos demandem mais tempo e sutilezas em seu processo (ADURENS; VIEIRA, 2019).

É importante o destaque ao conhecimento significativo sobre as características do perfil do aluno e suas especificidades, além de entender que é necessário que haja uma motivação e disposição no trabalho com alunos com TEA, pois seu desenvolvimento pode ocorrer de maneira mais vagarosa e sutil, mas gradativamente ocorre e o professor tem um papel fundamental neste trabalho de desenvolvimento contínuo do aluno.

Mediante a análise da resposta de Crisântemo observa-se o relato de que algumas vezes há dificuldade em executar o que foi proposto e planejado para o dia da aula, devido a especificidades nos comportamentos dos alunos e conseqüentemente no comportamento geral da turma. Sabe-se que, o autismo é de grande complexidade ao tentar defini-lo, pois, ocorre a ausência de semelhanças suficientes para uma conceituação maior do TEA. Como afirma o autor abaixo:

a definição de autismo tem sido difícil de encontrar, uma vez que todas as crianças são diferentes e apresentam características particulares e, ainda, por existir uma linha muito tênue na diferenciação das distintas perturbações do seu desenvolvimento. (BARROS, 2018, p.5)

Desta forma, ao observar as respostas dos participantes acerca de como são organizadas as aulas de Educação Física para alunos com TEA, pôde-se verificar que a organização do trabalho pedagógico para as aulas que tenham alunos com TEA se difere a partir de cada professor, porém todas contribuem diretamente em uma organização fundamental e de qualidade para que seja realizado este trabalho.

Destaca-se que o trabalho pedagógico com alunos com TEA exige um olhar sensível, uma percepção maior das especificidades necessárias nas aulas e torna-se válido ressaltar que as adaptações são de imensa relevância neste trabalho pedagógico, devido que uma aula pode ser muito bem aceita ou não pelos alunos, e caso não haja adaptações, o processo de ensino-aprendizagem será atingido, assim influenciando o desenvolvimento da turma, deste modo, visibiliza-se que o aluno deve ser tratado com atenção e individualidade durante todo o momento da aula e do processo de aprendizagem.

A discussão nesta categoria de análise aborda as estratégias que são utilizadas nas aulas de Educação Física para os alunos com TEA. As respostas deste questionamento foram separadas a partir das semelhanças que foram percebidas no conteúdo das falas dos entrevistados.

Aparece nas falas de Rosa, Cravo e Lótus ideias centrais semelhantes, quando se destaca o circuito, a coordenação e estimulação nas atividades como aspectos essenciais a serem trabalhados nas aulas de Educação Física, como podem ser visualizados abaixo:

procuro explorar ao máximo a coordenação motora dos alunos, estimulação sensorial, explorando também a parte de exercícios físicos. (Rosa)

Estímulos, atividades de circuito motor, adaptações para os mais severos etc. (Cravo)

Nós trabalhamos muito com o circuito motor, porque na verdade é um circuito (...) a gente trabalha todas as valências que a gente quer, seja coordenação motora, força, agilidade, é... noção de espaço, então a gente trabalha todas essas valências de forma lúdica, de forma divertida e geralmente com uma compensação, bota uma bola no final do circuito para criança arremessar, para a criança derrubar um boliche. (Lótus)

Percebe-se a presença da ênfase em trabalhos que envolvem atividades de coordenação motora e estimulação sensorial, justifica-se este trabalho com TEA para que as suas dificuldades e atrasos de desenvolvimento motor sejam aprimorados através destas atividades.

Assim, ressalta-se que os estímulos sensoriais são de suma importância a serem priorizados nas aulas de Educação Física com alunos com TEA, visto que as atividades que são realizadas têm todo potencial para explorar o desenvolvimento das valências psicomotoras. Por exemplo, um aluno que tenha resistência ao toque em objetos com

diferentes texturas, pode ser explorado em uma atividade como bocha, bolinhas de textura áspera, macia, lisa, para que o mesmo possa ir experimentando enquanto realiza a atividade as diferentes texturas das bolas.

É importante ressaltar mais uma vez, o quanto o trabalho pensando na individualidade de cada um é importante, pois, estimula e incentiva que o aluno realize a atividade proposta, ou seja, mais uma vez destacando que não se trata de fazer uma atividade que atenda o gosto do aluno e apenas permitir que o aluno realize só o que ele goste, mas utilizar os gostos do aluno como estratégias estimuladoras para que o mesmo se sinta motivado a cumprir a atividade proposta para a aula.

Nos trechos das falas de Lírio e Crisântemo, listadas a seguir, percebe-se a preocupação de enfatizar o que o aluno gosta como elemento incentivador no que tange as atividades propostas.

Eu gosto de procurar o que ela gosta (...) vamos supor que um dinossauro, que a maioria dos autistas gostam de dinossauro, eu vou tá mostrando a ela que o dinossauro pula (...) posso trabalhar com celular mostrar um vídeo, alguma coisa, aí através do dinossauro pulando, mostro pra ela, aí ela vai começar a ver que tem que pular, vamos supor, quando for pegar o alimento, aí eu digo que ali é um pé de árvore e tem que pular pra pegar um alimento, como se fosse um dinossauro (...) vamos supor que um dia na vida ela vai crescer e não vai ter a vida toda dinossauro, é uma dificuldade dos autistas é essa, que eles tem o que, que depois de grande ainda pensam em dinossauro, aí a gente vai mostrar que vamos supor eu quero trabalhar salto e o dinossauro pula, aí a gente também pode pular e não precisa tá só olhando pro dinossauro, vai mostrando outras coisa, bota um canguru, pra poder tá mudando de vista, aí com o passar do tempo ela vai esquecer o dinossauro. (Lírio)

A gente tem que realmente descobrir com eles o que é que ele, na verdade a primeira aula você tem que mais prender ele, pra depois que você consegue prender aí você começa a direcionar a aula com esse tipo de criança, na verdade cada aluno é diferente, e nem sempre dar certo, tem uns que amam o som, tem uns que gostam de se movimentar, tem uns que só querem ficar parados, tem uns que gostam de cores, outros que se você botar cores eles se perdem, cada um é cada um. (Crisântemo)

Os professores Lírio e Crisântemo esclarecem a partir de suas respostas que não se trata de fazer uma aula pelo gosto de um aluno, mas utilizar o que o aluno mais gosta para incentivar o mesmo a participar da aula, ciente de que por mais que este fator utilizado como incentivo auxilie o aluno com TEA a realizar as atividades, em dado momento deve ser retirado do ambiente de realização de atividade.

Ainda nas falas destacadas, percebe-se principalmente na resposta de Crisântemo que no início das aulas deve-se buscar “prender” o aluno no foco da aula, neste momento vale utilizar de todos os artifícios de compensação, incentivo e gostos do aluno, atingindo esse primeiro objetivo que é trazer a atenção do aluno para a aula e confiança com o professor, então começa a direcionar a aula para o objetivo proposto que foi planejado pelo docente. Ainda assim, destaca-se que os alunos apresentam diferenças em seus comportamentos e o que pode dar certo com um pode ocorrer de forma totalmente contrária com o outro, e o professor precisa estar ciente e atento para saber lidar com isso.

Vale ressaltar que na fala de Flor de Lis aparece a presença das aulas lúdicas, no sentido de ser um recurso para colaborar nas estratégias: “estratégias de aulas lúdicas e que não fuja da proposta de ensino-aprendizagem” (Flor de Lis).

A respeito da ludicidade, Luckesi (2005) afirma que ao vivenciar uma atividade lúdica cada um se encontra em estado pleno, ou seja, estando inteiro neste momento, nesta vivência com total atenção. Enquanto se participa de uma atividade lúdica não há lugar para outra atividade, não há divisões, o ser humano encontra-se inteiro na atividade, alegres, flexíveis e saudáveis.

A utilização da ludicidade como estratégia de ensino pode ser considerada como uma forma de diversificar as aulas com os alunos e buscar trazê-los para o foco da aula atraindo-os de forma lúdica. Válido ressaltar que é importante a busca de inserção da ludicidade nas atividades e no planejamento, mas que a ludicidade é muito mais que uma estratégia, considera-se como um estado pleno de vivência, como afirma o autor, sendo assim, é necessária uma vivência inteira para que se possa experimentar este estado.

Os alunos com TEA têm como uma das características mais marcantes a ausência de interesse por interações sociais e comunicação, geralmente se mantendo sozinho e isolado dos demais, porém através da iniciação a prática de atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, esse cenário provavelmente sofrerá algumas alterações. Partindo do princípio que maioria destas atividades são realizadas em duplas, equipes e grupos, percebe-se que a estimulação da participação dos alunos com TEA a atividades lúdicas proporcionará ao aluno mais contato com outros colegas e assim terá a influência disso no seu processo de interação social e comunicação com a turma.

Outro aspecto evidenciado neste estudo foi identificar se as estratégias de ensino utilizadas são favoráveis à aprendizagem dos alunos e como se dá a percepção destas no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos. Como respostas, alguns entrevistados apresentaram ideias semelhantes como é o caso dos trechos destacados abaixo:

através da educação dos usuários, do qual antes não realizava atividade e atualmente já faz. (Flor de Lis)

uma criança que chega uma socialização e com o tempo passar a conviver e interagir com o meio. (Rosa)

Os entrevistados apresentaram respostas positivas a respeito do funcionamento das estratégias que são utilizadas em seu trabalho pedagógico, afirmando que são favoráveis e ainda ressaltando que percebem através da forma que os alunos chegam e as mudanças que ocorrem com o passar do tempo.

As respostas acima deixam claro que os entrevistados percebem o desenvolvimento da criança a partir da realização das atividades e com o desenvolvimento de interação social, comparando os primeiros dias quando ela chega à instituição e depois quando já tem um tempo maior de convívio e realização das atividades com eles. Porém, verificar as estratégias de ensino utilizadas na aprendizagem dos alunos é um processo muito mais aprofundado no trabalho pedagógico. Percebe-se uma definição superficial no que tange ao aprendizado dos mesmos. As estratégias de ensino influenciam no comportamento dos alunos, no que tange a execução de atividades diárias, no modo de interação, no desenvolvimento social, afetivo, psicológico e motor da criança.

A criança ao chegar à instituição de atendimento educacional especializado passa por uma avaliação inicial que tem o objetivo de identificar a zona de desenvolvimento o qual se encontra e com o passar do tempo as avaliações vão sendo feitas em intervalos de algumas semanas ou meses para perceber avanços ou retrocessos dos níveis iniciais de quando chegou à instituição.

É importante que os professores busquem compreender o aluno antes de iniciar o trabalho de intervenção. É necessário o conhecimento dos comportamentos do aluno devido ao TEA, ressaltando que cada indivíduo pode apresentar diferentes características

do espectro, o que reafirma a necessidade do professor de buscar conhecer o máximo as características e comportamentos de seus alunos.

Para Soares e Cavalcante Neto (2015) é essencial à compreensão do comportamento motor de um determinado indivíduo, quando se pretende intervir com o mesmo, portanto, para que o trabalho pedagógico e a conexão professor-aluno se estabeleçam da melhor forma, o professor precisa buscar conhecer o máximo do seu aluno.

Desta forma, verifica-se que o papel do professor para além de fazer uso de estratégias de ensino que favoreçam o aprendizado dos alunos e perceba se estas funcionam ou não, deve ser estar sempre presente incentivando e percebendo através de um olhar sensível a forma como o trabalho pedagógico está sendo para seus alunos.

A fim de uma aprendizagem mais significativa de um aluno com TEA, a melhor forma que o professor pode assumir no seu trabalho é estar incentivando o aluno a realizar as atividades propostas, sempre respeitando o seu processo de desenvolvimento, permitindo que o mesmo interaja e troque informações com os colegas do seu jeito de se comunicar e socializar (DA SILVA; NUNES; SOBRAL, 2019).

Para outro entrevistado, as estratégias nem sempre funcionam completamente, como pode ser visto através do trecho abaixo:

depende da criança, depende do grau, mas 100% não(...) uma avaliação que a gente faz com eles, (...) através de vídeo, eu aprendi isso uma vez que até hoje eu tô gravando e eu vejo uma grande diferença do início de quando ele chegou e como está hoje, eu gosto. (Lírio)

A partir da resposta de Lírio percebe-se que as estratégias nem sempre são 100% favoráveis e é interessante o destaque para esta fala, para que se possa enxergar que o TEA não é um espectro que se manifesta da mesma forma em todos os indivíduos, apesar de apresentar algumas características que são comuns a maioria. Portanto, assim como não é um espectro igual a todos, as estratégias que funcionam com alguns alunos podem não funcionar com outros.

O professor explica que não se sente apto a afirmar que tais estratégias funcionam plenamente, aparentemente a resposta assumida pelo entrevistado estimula o pensamento que devido a individualidade de cada um, não se pode afirmar que as estratégias adotadas são favoráveis ao trabalho com TEA. Porém, o mesmo ainda cita que se utiliza de gravações de vídeos como uma espécie de acompanhamento do desenvolvimento da criança, para que possa observar ao final de um acompanhamento a fim de melhorar algum gesto ou ação, se o aluno teve avanços na execução da atividade e ainda acrescenta que estes vídeos, autorizados pelos pais para serem gravados, servem como uma prova de avanço e resultado do seu trabalho para exibir para a família como seu filho realizava a atividade e como está realizando hoje.

Algumas respostas dos entrevistados enfatizaram a avaliação após o período de atividade com as aulas de Educação Física com TEA, que basicamente trata-se de ficha de avaliação onde são anotados os resultados obtidos após um tempo de atividade contínua e relato de familiares demonstrando percepção dos avanços do aluno, como podem ser observados nos trechos a seguir:

possuímos uma ficha de evolução de cada usuário, ao final analisamos cada resultado obtido. (Cravo)

Ele é percebido porque na verdade nós fazemos uma avaliação, alguns alunos fazemos de três em três meses, outros fazemos de seis em seis meses, os mais desenvolvidos fazemos de ano em ano, porque aqui a gente dá alta também, o que é que acontece a gente percebe uma melhora com o relato da família (...) a família que diz “poxa professor, ela não subia escada e agora sobe”, “ela não descia escada e hoje desce”, “ela não subia no banco e hoje sobe”, tinha criança aqui que não conseguia subir aqui na cadeira, subir na cadeira não conseguia, hoje sobe, então a gente percebe essa melhora no feedback da família. (Lótus)

Os entrevistados Cravo e Lótus explicitaram como ocorre o processo de percepção dos avanços dos alunos com TEA. Sobre avaliação, Quedas-Catelli et al. (2016) afirma que é relevante enxergar que em todo processo de ensino aprendizagem se deve ter o destaque pelo momento de avaliação inicial do aluno, pois tal avaliação torna-se necessária no processo de construção do trabalho pedagógico e criação de estratégias que constatem informações da deficiência, capacidades e potencialidades que o aluno apresenta, assim como sugestões que podem ser desenvolvidas.

O professor ao atuar em trabalho pedagógico com alunos com TEA deve sempre se manter bastante atento a todas as formas de comunicação do aluno, pois se visibiliza como grande avanço de interação qualquer e toda forma de contato que o aluno venha a ter com o professor, seja solicitando ou respondendo, e este diálogo deve ser estimulado e reforçado com incentivos que não sejam exagerados (TOMÉ, 2007).

A respeito do que dizem os autores citados anteriormente, pode-se verificar que há uma importância significativa ao momento de avaliação inicial ao tempo que se deve manter a atenção ao aluno, durante todo o processo de adaptação e desenvolvimento quando o mesmo chega à instituição que irá acompanhá-lo nas aulas. Assim, a construção de estratégias de ensino aprendizagem deve ser mantida e a partir da observação do comportamento do aluno estas podem ser ajustadas ou alteradas em qualquer momento do planejamento.

A seguir, Crisântemo afirma que para além das estratégias deve-se conquistar a confiança do aluno, como pode ser visualizado no trecho abaixo:

quanto a atividades com autistas a gente não pode se prender a estratégias (...) com os autistas a gente não tem como prever essa aula, entende? Realmente, primeiro você tem que buscar conhecer ele, ganhar confiança (...) ele vai sorrir, ele vai se divertir, ele vai querer mais, ele não vai querer tá saindo da atividade, entende? Porque eles se perdem da atividade muito fácil, a atenção e tudo, se ele não mudar é porque deu certo, se ele tá feliz, sorrindo, só as respostas deles. (Crisântemo)

Para este professor, o aluno demonstra sinais significativos que auxiliam a percepção de funcionamento ou não das ferramentas utilizadas no trabalho pedagógico. A observação do jeito do aluno, da forma como ele responde, gesticula e acolhe as atividades dizem muito sobre como estão sendo aquelas atividades para o mesmo.

Ao tratar-se de observação de gestos e emoções do aluno, ainda cabe enfatizar que, como afirma Tomé (2007), o professor de Educação Física para alunos com TEA está diretamente envolvido no processo de socialização e aprendizagem, devendo não priorizar o desenvolvimento físico, mas elencar como central o auxílio no conjunto de interações sociais, comportamentais e de comunicação.

Ao longo das respostas discutidas acima a respeito das estratégias de ensino que são utilizadas nas aulas de Educação Física para alunos com TEA, foi perceptível

notar nas respostas dos entrevistados a necessidade de realizarem adaptações em seus planejamentos das aulas, visto que mesmo com um objetivo da aula específico para determinada data quando as coisas fugiam do planejado seja pelo comportamento de um aluno ou da turma inteira, eram necessárias adaptações a respeito da atividade planejada. Esses elementos serão discutidos na próxima categoria temática

As adaptações realizadas nas aulas de educação física para favorecer o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com TEA

No que tange às adaptações, existe uma necessidade emergencial de adaptar alguns materiais para que a participação na aula seja garantida a todos. É fundamental pensar em adaptações que possam garantir não apenas a presença do aluno com TEA na aula, mas a participação a aprendizagem significativa.

O Ministério da Educação (MEC) traz cartilhas a fim de conscientizar e preparar o professor para trabalho com educação inclusiva, dentre estas, estão as Adaptações Curriculares que se dividem em Adaptações Curriculares de Pequeno Porte (Adaptações Não Significativas) e Adaptações Curriculares de Grande Porte (Adaptações Significativas).

As Adaptações Curriculares de Pequeno Porte são as adaptações que podem ser feitas pelo professor, ou seja, modificações que podem ser promovidas no currículo pelo próprio professor, de modo que permita a participação dos alunos com deficiência e promova a participação produtiva destes alunos no processo de ensino aprendizagem. As Adaptações Curriculares de Grande Porte trata-se de competência e responsabilidade das instâncias administrativas superiores, que são representadas pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação (BRASIL, 2000).

Com relação a este aspecto, ao serem questionados sobre quais adaptações são realizadas durante as aulas, destacamos o trecho do professor Flor de Lis:

adaptação de materiais e de atividades, porque às vezes a gente planeja uma coisa e o usuário chega agressivo, chega agitado aí temos que adaptar o que foi planejado para ele realizar ou tentar realizar. (Flor de Lis)

Na fala de Flor de Lis nota-se que há a afirmação da realização de adaptações no planejamento das aulas a depender do comportamento do aluno, ou seja, quando o aluno ao chegar à instituição apresenta comportamento agressivo, rejeitando participar da atividade proposta, o professor deve buscar alternativas para mudar aquele cenário a fim de que a aula consiga ser estrategicamente um elemento que melhore o sentimento do aluno, que faça ele se sentir melhor e não um fator que piore seu comportamento e faça ele se sentir mais desorganizado e agressivo.

Para Bosa (2006), a partir do momento que se obtém conhecimento suficiente para que haja a percepção de que os comportamentos desafiadores e/ou agressivos dos alunos com TEA são também uma forma de comunicação que os mesmos utilizam para expressar algum sentimento, as pessoas que estão ao redor destas crianças conseguem responder melhor a estes comportamentos.

Durante as entrevistas eram perceptíveis nas salas que eram realizadas as aulas de Educação Física, a presença de vários materiais confeccionados pelos alunos junto com professores e muitos materiais “fáceis” de serem confeccionados e que estavam sendo utilizados como ferramentas facilitadoras de várias atividades nas aulas pelos professores, como exemplo o trabalho com miçangas para desenvolver a coordenação motora fina, também bolinhas de plásticos coladas através da fita adesiva em um bambolê, para que os alunos desenvolvessem a habilidade do salto para alcançar as bolinhas presas no bambolê, dentre outros materiais.

É necessário pensar nas adaptações como uma forma mais confortável e agradável de realização das atividades para os alunos, ou seja, uma maneira que os mesmos possam estar participando se envolvendo e não apenas que o professor consiga cumprir sua atividade programada.

Em um dos trechos da entrevista com o professor Lótus, nota-se uma diferença sobre as adaptações realizadas a respeito da aula de Educação Física para os alunos com TEA. O professor destacou:

a gente sempre tem um plano B, se eu faço uma atividade, se eu faço, preparo uma atividade, e esse aluno não corresponde, o que é bem normal, tipo tá emburrado, não tá afim, não quer, aí a gente trabalha com a coisa que todo mundo gosta, esporte, bola, a gente bate bola, quica a bola, joga, então aí você trabalha uma forma que ele vai tá se exercitando e uma forma mais divertida do que a obrigatoriedade de tá passando pelos cones, abaixando, tá passando por obstáculos, então as vezes ele não quer aquilo, então a gente trabalha ou na quadra com bola de basquete, com bola de vôlei, com bambolê, enfim, ou vai pra o que elas mais gostam que é a piscina, a piscina é o coringa aí da gente, e o trabalho é tirar da piscina, então pra botar é fácil. (Lótus)

O professor evidencia que há um plano B preparado para caso o plano A não seja contemplado, então a segunda tentativa de aula sempre se baseia em utilizar alguma coisa que agrade os alunos, no exemplo dado pelo professor é a bola, através da diversão o aluno participa e entra na aula com mais alegria e disposição, pois trata-se de uma coisa que lhe agrade e que sente prazer em realizar. Lótus ainda ressalta que a piscina funciona como um “coringa” deles, sendo que quando os alunos estão muito resistentes a participar da aula, eles convidam para fazer alguma atividade ou exercício na piscina, que é o espaço mais adorado por eles.

É relevante destacar que se planejar para uma segunda opção de atividade é extremamente necessário, pois o professor nunca premedita o comportamento dos seus alunos para cada dia. E para que não haja surpresas e situações de desespero, o docente deve sempre contar com um plano B de atividade que permita que o aluno se sinta mais a vontade de participar ou com tarefas mais simples para cumprir.

As respostas dos professores, Lírio e Crisântemo, se assemelharam no que tange a facilitação das atividades para que sejam cumpridas, conforme se pode perceber no conteúdo das falas abaixo:

facilitando, com certeza, e se ela não gostar de nenhum jeito vai fazer um outro trabalho com ela (...) é uma coisa que a gente tem que tá botando em prática para ver se vai dar certo ou não. (Lírio)

As adaptações tem que ser feitas o tempo todo, não só com autista, como com todo mundo aqui, você tem que tá mudando a atividade (...), por exemplo, o legal é que seja da forma mais fácil possível para ir aumentando o grau de dificuldade a partir da resposta que ele vai dar, e muitas vezes a gente tem que até é que regredir esse mais fácil possível para conseguir essa evolução dele, na verdade o que a gente busca sempre é a evolução do aluno aqui. (Crisântemo)

Os professores afirmam que as adaptações devem ser feitas no sentido de facilitar a atividade, testando o que funciona e o que não funciona e caso esteja muito complexa, deve ser facilitada até que o aluno consiga cumprir. Na fala de Crisântemo ainda nota-se que as adaptações devem ser feitas a todo o momento, para que não se torne uma coisa padrão e repetitiva, na sua fala ainda percebe-se a presença de um exemplo que também se baseia na facilitação das tarefas com os alunos.

Há uma ponderação a ser realizada a partir do final da fala do Crisântemo, quando o mesmo fala que deve regredir esse mais fácil possível para conseguir a evolução do aluno, nota-se que a fala deixa um pouco a expressão de que o aluno muitas vezes não cumpre nenhuma atividade do nível “fácil” a qual é planejada, portanto, não pode-se considerar uma atividade fácil quando se tem uma turma alunos com diferentes níveis de desenvolvimento, com um espectro que não se apresenta de forma “padrão para todas as crianças”, assim as dificuldades, potencialidades, possibilidades de cada aluno são diferentes. E alguns alunos podem realizar atividades consideradas muito difícil a partir do planejamento do professor e ao mesmo tempo ter dificuldade em uma atividade nível “fácil” que o professor preparou para determinada aula.

A partir da fala dos entrevistados sobre essa questão é perceptível que alguns expressam pensamentos um tanto limitados sobre as possibilidades de aprendizagem do aluno com TEA, como também se nota que muitos faz da aula um momento extremamente flexível e aberto para inúmeras possibilidades de adaptações.

As adaptações apresentam enormes diferenciais nos planejamentos das aulas para turmas de alunos com TEA, pois são necessárias a todo o momento a depender da resposta e condições dos alunos que compõem a turma. Esse aspecto pode ser visto a partir das reflexões dos autores abaixo:

a adaptação de conteúdo e a aplicação de uma metodologia válida, que funcione para aquela determinada criança, são as grandes responsabilidades dos professores que tem na classe um ou mais aluno com autismo ou outra deficiência (DA SILVA; NUNES; SOBRAL, 2019, p.153)

Essa citação reafirma que o trabalho pedagógico do professor tem grande influência na vida dos alunos com TEA em processo de aprendizagem, pois o professor pode auxiliar com suas adaptações e escolha de metodologias significativas para o aluno, como também pode prejudicar bastante em situações que não busca incentivar e adaptar as atividades para que o aluno possa realizar.

As adaptações devem acontecer e são da responsabilidade do docente que tem na classe o aluno com TEA. O docente apresenta a função de mediador do conhecimento, ou seja, aquele que media e auxilia o aluno com ou sem deficiência a desenvolver-se, tanto no seu processo educacional quanto nos aspectos interacionais, levando ao aluno a confiança de acreditar no seu potencial (DA SILVA, NUNES, SOBRAL; 2019).

Percebe-se assim que a Educação Física apresenta grandes contribuições quando trabalhada de forma regular com turmas de alunos com TEA. Conforme Silva, Sousa e Vidal (2008) a Educação Física se encontra em vantagem quando trata-se de realizar uma comparação com outras áreas de ensino, pois a mesma busca compreender as dificuldades e déficits apresentados pelo aluno a fim de desenvolver uma forma de adaptar as atividades para que o aluno consiga realiza-la, desta forma, visibilizando as potencialidades deste trabalho dos conteúdos da Educação Física para o trabalho de modo inclusivo/adaptado.

Assim, ciente de que o TEA influenciará no comprometimento do desenvolvimento do aluno que tem o espectro, como afirma Soares e Cavalcante Neto (2015) o TEA, neste sentido, envolve uma implicação no neurodesenvolvimento da criança, ressaltando que causará déficits nas funções do cérebro e acarretará atrasos no processo de desenvolvimento, possivelmente nas áreas da fala, aquisição de gestos motores e na aprendizagem. Acerca do trabalho com a Educação Física a fim de minimizar os fatores que implicam no desenvolvimento da aprendizagem e coordenação motora dos alunos, os professores relatam que:

a educação física é de total importância e sua contribuição é bem vista, notória no que diz respeito não só a parte motora, neuromotora, mas como um todo, tornando o usuário mais independente e o mais importante, qualidade de vida.
(Flor de Lis)

A Educação Física pode explorar tanto a parte cognitiva quanto motora do aluno.
(Rosa)

Muitos já chegam no atendimento procurando a sala de educação física, pois trabalhamos conteúdos, desde o circuito motor a parte de lazer e recreação.
(Cravo)

O vídeo mesmo a diferença que teve é uma coisa que mãe e pai em casa não trabalham e nem na escola acho que não trabalha uma coisa dessa, porque principalmente escolas que trabalham com crianças típicas, ver as outras se desenvolvendo e ver ela aleatória lá brincando, deixa ela aleatória para não ter uma situação, mais preocupação, porque são muitos meninos e aqui como é um trabalho mais não vou dizer individualizado mas é tipo assim uma turma com pouca gente, dá pra gente tá podendo ver a dificuldade do menino e tá trabalhando com ele. (Lírio)

Os 04 entrevistados esclareceram que, com relação ao trabalho pedagógico da Educação Física, pode-se notar as suas contribuições e importância, e o quanto essa área do conhecimento influencia no desenvolvimento dos alunos com TEA, significando ainda mais este trabalho e ressaltando sua relevância.

Para de Aguiar, Pereira e Bauman (2017), as crianças com TEA podem e devem participar das aulas de Educação Física, entretanto é indispensável que haja atenção as individualidades e cuidados que se deve ter ao ministrar aulas para turmas inclusivas com alunos com TEA. É importante que as aulas aconteçam em horários fixos, para que os alunos não se sintam como se tivessem sua rotina quebrada, com as durações determinadas e materiais distribuídos de maneira lenta para que a criança se adapte a situação. É muito importante esse cuidado e sensibilidade ao ministrar aulas para alunos com TEA, pois a quebra de sua rotina e a sensação de desorganização pode proporcionar ao aluno com TEA crises de agressividade e comportamentos mais agressivos.

Na fala de Lótus a seguir, percebe-se que a partir da sua avaliação surgem algumas divergências das falas elencadas anteriormente a respeito da importância do seu trabalho na área de Educação Física para alunos com TEA. Para melhor compressão abaixo segue um trecho da fala que o professor:

a expressão corporal não só para o autista, mas para o ser humano é algo libertador, na questão do autismo, do autismo, o autista ele se expressa muito na questão corporal e ele se extravasa, ele se desestressa bem mais justamente nas atividades, e se o professor de educação física souber direcionar o foco para aquela rotina, ele vai ter muito sucesso (...) a Educação Física trabalha o ser, para que eles minimizem a questão que ele tem, da desorganização, das estereotípias (...) a gente vai trabalhar o corpo e conseqüentemente a mente, então o professor logicamente ele tem que ter essa sensibilidade que tem trabalhar os dois, não é como a criança de tipologia normal, que você vai trabalhar só o físico (...) você tem que entender o espectro, você tem que entender para poder melhorar, então a educação física consegue unir isso (...) por exemplo tem uma criança aqui que ela é autista e ele gosta de arrumar cadeiras, ele gosta de empilhar cadeiras, que foi que a gente fez, vamos pegar cadeiras, dar a cadeira a ele e bota os obstáculos, pra chegar até o monte de cadeiras para ele empilhar ele tem que passar pelos obstáculos, ai ele vai passar pela coordenação motora, pela agilidade, pela força, então eu tô usando a forma, de organização dele para que ele faça os exercícios, porque se ele não fazer os exercícios ai tem encurtamento dos nervos, ele não vai ter flexibilidade, ele não vai ter agilidade, ai vai ser mais difícil ele lidar com o mundo real. (Lótus)

Na justificativa de Lótus percebem-se alguns fatores que merecem serem destrinchados. Quando o professor fala da expressão corporal nota-se que, de fato, o corpo é uma das vias de expressão do aluno com TEA, os gestos, os movimentos, as atividades ainda que algumas ainda sejam repetidas. Se o professor souber direcionar o foco para a rotina do aluno terá bastante sucesso em seu trabalho pedagógico, afinal a Educação trabalha com movimento, com as práticas corporais, com o toque e o trabalho em grupo, unir as teorias e práticas da Educação Física para utilizar no trabalho com turmas de alunos com TEA só tem a acrescentar e contribuir no desenvolvimento dos alunos.

Lótus ressalta que é importante ter o conhecimento do espectro, buscar ter entendimento sobre o TEA para que possa estar melhorando a prática das aulas de Educação Física e conseguir unir as características e individualidades que o aluno apresenta com as possibilidades que o mesmo tem de desenvolvimento, aprendizagem e aprendizagens nas aulas de Educação Física.

Como afirma Souza e De Assis (2015), a frequência de cursos e eventos de capacitação para entendimento sobre o TEA é mínima, percebendo também aspectos diferentes nos docentes a respeito do trabalho com alunos com TEA. Nos docentes também se visualiza a falta de orientação sobre inclusão, em específico sobre o autismo,

assim como percebe-se também a falta de conhecimento sobre o espectro e informações que auxiliem o trabalho pedagógico com alunos com TEA.

Percebe-se que os autores acima reconhecem que são mínimas as oportunidades de capacitações para qualificação de profissionais para exercício do trabalho com alunos com TEA. Isso implica diretamente no exercício prático, tanto em instituições de atendimento educacional especializado, quanto em instituições de educação inclusiva, isso porque o professor não estará preparado para exercer esse processo educativo pensando no aluno e suas especificidades, podendo assim exercer um trabalho equivocado ou excludente em sala de aula.

Os professores evidenciam a importância da Educação Física para o trabalho pedagógico com alunos com TEA, a partir destas respostas percebe-se o quanto o trabalho da Educação Física em conjunto com o processo de desenvolvimento destes alunos pode contribuir de modo significativo no seu aprendizado. Percebendo que a Educação Física trabalha com gestos, movimentos, coordenação e atividades lúdicas, visibiliza-se assim sua importância no trabalho com TEA.

As atividades e conteúdo da Educação Física podem gerar grandes avanços no desenvolvimento dos alunos, pois tem como elemento fundamental o trabalho com corpo, o uso de atividades de práticas corporais em grande maioria de seus conteúdos, assim contribuindo de forma bastante positiva no aprendizado e desenvolvimento destes.

Conclusão

O estudo propôs investigar as estratégias de ensino-aprendizagem que são utilizadas nas aulas de Educação Física para alunos com TEA atendidos na APAE de Feira de Santana, bem como descrever as adaptações realizadas durante essas aulas. É notável a presença de dificuldades no momento inicial de trabalho com pessoa com deficiência, especificamente nos casos com TEA, visto que é um cenário novo para o profissional recém formado que muitas vezes o ensino durante sua formação inicial foi insuficiente no que tange ao trato pedagógico com pessoa com deficiência.

Em relação às estratégias de ensino-aprendizagem trabalhadas pelos professores, ficou evidenciado que são várias as possibilidades que os mesmos citam, porém nota-se que nem todos utilizam diversas estratégias que podem ser exploradas ao longo do trabalho com TEA. A utilização de métodos que atraem a atenção dos alunos para a aula é eficaz, porém momentâneos, sendo necessário que o professor se aprofunde mais ao que se pode chamar de núcleo central do objetivo da aula para que sejam alcançados seus objetivos.

A percepção do *feedback* das estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas é de suma importância, daí surge a preocupação do docente em compreender se estão sendo ou não favoráveis no trabalho pedagógico com TEA, afinal, estas estratégias são fatores primordiais no exercício do trabalho com estes alunos.

Vale ressaltar que a importância das adaptações que os professores devem realizar em casos de não aceitação da atividade planejada ou caso o aluno se sinta desconfortável e desorganizado com a atividade. Nesta situação o professor deve realizar adaptações de materiais, facilitando a realização da atividade ou em casos mais complexos até mesmo a utilização de outro meio para que a turma ou aluno possa se sentir mais confortável a praticar a atividade, daí entra a oportunidade de realização de um plano B, que sugere que o professor sempre esteja preparado para uma segunda atividade caso a primeira não seja bem aceita ou não dê certo.

Assim, ao final da pesquisa percebe-se que os entrevistados sempre deixam claro que o trabalho das aulas de Educação Física com alunos com TEA é bastante significativo, pois apesar de toda dificuldade e lacunas presentes em sua formação inicial, o professor pode buscar se capacitar e entender de modo mais aprofundado sobre o espectro. Afinal, a Educação Física tem muito a contribuir no desenvolvimento dos alunos com TEA e pode auxiliar em diversos aspectos motores, sociais, afetivos e psicológicos com suas atividades.

Referências

ADURENS, Fernanda Delai Lucas; VIEIRA, Camila Mugnai. Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 18, n. 2, 2019.

AGUIAR, Renata Pereira de.; PEREIRA, Fabiane Silva; BAUMAN, Claudiana Donato. Importância da Prática de atividade física para as pessoas com autismo. **Revista de Saúde e Ciências Biológicas**, v.5, n.2,2017.

ALMEIDA, Marina da Siveira Rodrigues; PACHECO, José. **Caminhos para a inclusão humana: valorizar a pessoa, construir o sucesso educativo: teoria: prática**. 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. 2. ed. Mediação, 2005. 128 p.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s47-s53, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Projeto escola viva: garantindo o acesso e a permanência de todos os alunos na escola – alunos com necessidades educacionais especiais. **Adaptações Curriculares de pequeno porte**, 6. Brasília: MEC, SEF. 2000.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEEP, 2008. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 23 de março de 2020.

CARVALHO, R. E. Diferença, deficiência, necessidades educacionais especiais. In: EDLER, R. **Temas em Educação especial**. 3a ed. Rio de Janeiro: WVA Ed., 2003.

DA SILVA, Marília Marluce; NUNES, Cícera Alves; SOBRAL, Maria do Socorro Cecílio. A Inclusão Educacional de Alunos com Autismo: Desafios e Possibilidades. **ID on Line REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE PSICOLOGIA**, v.13, n.43, p.151-163, 2019.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. 80 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral Autism and Asperger syndrome: an overview. **Rev Bras Psiquiatr**, v. 28, n. Supl I, p. S3-11, 2006.

KLIN, Ami; MERCADANTE, Marcos T. Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s1-s2, 2006.

LISBOA. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (Org.). **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. 2004. Disponível em: <<http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2014/11/CLASSIFICACAO-INTERNACIONAL-DE-FUNCIONALIDADE-CIF-OMS.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. **Ludicidade: o que é mesmo isso**, p. 22-60, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

QUEDAS-CATELLI, Carolina et al. O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Física Escolar: A Prática do Profissional da Rede Estadual de São Paulo. **CIAIQ2016**, v. 1, 2016.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. Mídia e deficiência. **Brasília: andi/Fundação banco do brasil**, p. 160-165, 2003.

SILVA, Clodoaldo Matias da; NASCIMENTO, Herica Thayse Barboza. **Perturbações do espectro do autismo: uma revisão bibliográfica dos benefícios da prática de educação física em alunos com necessidades educacionais especiais**. 2019.

SILVA, Régis Henrique dos Reis; SOUSA, Sônia Bertoni; VIDAL, Maria Helena Candelori. Dilemas e perspectivas da educação física, diante do paradigma da inclusão. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 2, p. 125-135, 2008.

SOARES, Angélica Miguel; CAVALCANTE NETO, Jorge Lopes. Avaliação do comportamento motor em crianças com transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, n. 3, p. 445-458, 2015.

SOUZA, Amanda Santana de; NOGUEIRA, Suzana Alves. Práticas pedagógicas inclusivas nas aulas de educação física escolar. In: BRASIL. Osni Oliveira Noberto da Silva. (Org.). **Coleção Movimentação: debates e propostas. Pesquisas e práticas educacionais inclusivas**. 6. ed. Goiânia - Go: Kelps, 2018. Cap. 7. p. 1-213.

SOUZA, Jessica Rezende; DE ASSIS, Renata Machado. Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano. **Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino (EDIPE) do Centro de Estudos e Pesquisas em Didática (CEPED)**, v. 6, 2015.

TOMÉ, Maycon C. Educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Movimento e Percepção**, v. 8, n. 11, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 863-869, 2011.